

MÁRIO VITORIA

E surpreendentemente a Liberdade

Esta exposição propõe a celebração atenta da Liberdade perante os sinais perturbadores dos tempos. Já que Liberdade enquanto forma de participação no mundo é surpreendentemente, cada vez mais rara. As obras representam vários desafios perante as atrocidades que envolvem a Humanidade, sobretudo a partir dos corredores trágicos de migração que mostram, cruelmente, como o mundo não é de todos na sua prática.

Da Guerra, ao lucro extraído do armamento, até à tortura capitalista contemporânea, a exposição narra e exalta a travessia actual das civilizações (das quais a cultura portuguesa não é excepção) para um novo território, onde o símbolo de herói dá lugar a acções carismáticas. Aquelas que se manifestam, por vezes de um modo imprevisível na superação do nihilismo contemporâneo. Não querendo ser redutor, mas no caso Português, tal qual um aqueduto com muitos arcos, de rumo forte para matar a sede em lugares remotos. Numa ponta Camões na outra Aristides de Sousa Mendes. Transportando Herberto e Saramago aos molhos com Virgílio à mistura. Deste modo, “saciados”, saberemos que D. Sebastião já chegou e que Zizek nunca foi inimigo do ocidente e tal como identificou Pascoaes o “poeta maior” F. Pessoa está bem presente em toda a “Pessoa” que desenhe gestos magnânicos. É este ultimo ponto que a exposição procura sublinhar, no lapso contra a dignidade Humana está a urgência de gestos carismáticos “e surpreendentemente a liberdade”, dada a sua aparente fragilidade no risco de extinção.

Assim, a exposição marca a viagem do Homem pós-moderno e (A)ocidental, dos seus sentidos perante a ruína e as esperanças em migração. Narra a deslocação dos seus sonhos, das suas identidades, raízes, crenças e aspirações. Quer assinalar o dever e a responsabilidade de todos, que está em assegurar um porto de abrigo para a dignidade de cada um de nós. Se o mundo, a terra, o universo com todas as suas galáxias e todas as que estão por descobrir e criar, são de todos, edifique-se então a urgência de um “Abraço Magnânimo” que nos distancie da estância do “MEDO” (forma maior de agressão e desprezo da contemporaneidade), relançando aquilo a que chamamos “a grande união de cardumes”.